

Local Azulejos reproduzem a pedra lioz nas fachadas de vários prédios

“Azulejos de rudistas”: quando os fósseis inspiram a arte nas paredes de Lisboa

Para simular o nobre e caro lioz, os artistas do século XIX reproduziram-no em azulejo, replicando os fósseis de rudistas na pedra. E assim se cobriram muitas paredes de Lisboa

Diogo Soares

Lisboa tem uma aparência única. A pedra calcária que cobre os edifícios e monumentos e a omnipresença de azulejos são elementos inextricáveis do ambiente da cidade. É nesta pedra, o lioz, que se escondem tesouros da história da Terra, fósseis de organismos que viveram há muito. Expressados em azulejos, estes fósseis de rudistas inspiraram criações artísticas originais que não se encontram em mais lado algum.

Decorria o ano de 1988. No trajeto diário entre o Cais do Sodré e o seu antigo gabinete na rua Escola Politécnica, Carlos Marques da Silva, paleontólogo, professor e investigador na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, deparou-se com estes azulejos únicos pela primeira vez.

“Ao passar todos os dias pelo Bairro Alto, avistava vários painéis de azulejos com estes padrões estranhos”, conta o professor. Com ligações à arqueologia e ao património cultural desde muito cedo – é membro do Centro de Arqueologia de Almada desde os 17 anos –, adquiriu um gosto pelos azulejos e sua história. Ao ver “amibas” naqueles azulejos, Carlos Marques da Silva interrogava-se “o que é o artesanado tinha em mente para representar aqueles estranhos padrões”.

No mesmo ano, ao observar um painel de azulejos semelhante do outro lado da rua do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, teve uma revelação. “Eram os padrões de fósseis de rudistas caprinídeos no lioz”, conta entusiasmado. Este painel já não existe, consequência da renovação do prédio no final dos anos 90. “Olhando para a forma espiralada, reconheci o padrão. Foi a partir daí que comecei a encontrar mais azulejos desta cidade. Alguns são bastantes surrealistas, mas não há dois iguais.”

Os rudistas eram bivalves marinhos de tamanho e morfologia variados que existiram desde o

Jurássico Superior até ao final do Cretácico da Era Mesozoica (durante cerca de 97 milhões de anos). O seu conteúdo fossilífero imprime um padrão único na rocha, conhecida como lioz, contribuindo para a sua aplicação decorativa. O padrão pode ser “associado a formas curiosas, como ‘rodela de ananás’ ou ‘ovos estrelados’, mais fácil de memorizar”, explica o professor.

Conhecendo uma dúzia destes painéis de azulejos por Lisboa, alguns deles em excelente estado de conservação, outros nem tanto, Carlos explica que não se sentia à vontade para publicar nada sobre os azulejos enquanto não os conseguisse datar. “Falei inclusive com alguns colegas especialistas, mas tornou-se um problema. Nunca consegui que dessem uma cronologia específica”, conta. Com o passar dos anos, o assunto foi ficando no limbo, esquecido.

Foi numa visita à Gulbenkian em 2017 que encontrou a sua resposta no Museu de Arte Moderna. Ao folhear um livro, uma colectânea de artigos sobre azulejos, encontrou uma fotografia de azulejos similares. Na legenda lia-se “azulejos imitando mármore, século dezanove”. “A partir desse momento, tinha uma baliza temporal. Comecei a ler mais sobre azulejaria do séc. XIX e ganhei coragem para publicar o trabalho.”

No seu artigo *Urban Geodiversity and Decorative Arts: the Curious Case of the “Rudist Tiles” of Lisbon (Portugal)*, publicado na revista internacional *Geoheritage*, esta relação foi descrita pela primeira vez. Já citado por outros, “o artigo foca o papel da geodiversidade como inspiração das artes decorativas da cidade”, diz Carlos Marques da Silva.

“Arte inspirada pela geodiversidade”

Segundo o professor, o desejo de simular lioz – um material de construção nobre e caro – usado na cons-

trução de fachadas, levou ao uso da técnica *trompe l’oeil* para imitar a aparência da pedra. *Trompe l’oeil* ou pintura de fingimento, em português, é uma forma de pintura muito usada nesta época. “Sendo uma pedra cara e de prestígio, não estava acessível a todos. Por isso, as pessoas usavam esta solução mais barata, que imitava o uso da pedra nas suas casas.”

Lioz ou pedra lioz é uma rocha sedimentar calcária. Geralmente de cor marfim e, menos comumente, rosa entre outros, ocorre em Portugal na região de Lisboa. A rocha tem sido utilizada no território desde o período romano até ao presente por ser um bom material de construção. Ao longo do século XVIII, a sua ampla utilização como pedra ornamental em monumentos e edifícios oficiais de Lisboa deu-lhe o reconhecimento de “Pedra Real”.

“Eu não conheço os detalhes de quem eram os artesãos ou como se processavam as encomendas destes azulejos.” Afirma que, consoante o talento ou a paciência de quem os pintava, podemos encontrar representações variadas. O padrão fossilífero de lioz chega a ser tão realista em alguns azulejos, que rudistas radiolíticos e rudistas caprinídeos podem ser facilmente identificados. “Consigno encontrar dois ou três exemplos que, provavelmente, foi a mesma pessoa que pintou”, conclui.

Estes painéis de “azulejos de rudistas” foram desenhados para se encaixar perfeitamente nas fachadas para as quais foram concebidos. Os ladrilhos feitos e pintados à mão reproduzem diversos elementos arquitetónicos em pedra: blocos, folheados de blocos de silhar, arquivadas articuladas e frisos adaptados às complexidades do edifício – portas, contornos de janelas e todos os recantos e fendas. Tudo para dar a ilusão de que estava coberto com lioz.

Um dos exemplos deste património único encontra-se no cruzamento do Poço da Borratém com a Rua da Madalena. Aqui, na fachada do núme-



Nas ruas da Rosa, do Poço do Borratém ou João da Regras, persistem exemplares destes azulejos que imitam o lioz que também cobre Lisboa

ro 39, a loja Galeria Abraço, podemos ver estes azulejos centenários pintados com os padrões de fósseis rudistas. “Para que fosse credível, nota-se o esforço para reproduzir fielmente os elementos”, explica o professor. “Podemos ver não apenas a tridimensionalidade dos elementos, mas também o padrão mosqueado criado pelos fósseis de rudistas no lioz, bem como outros elementos geológicos como estilólitos.”

“Património único no mundo”

Quando em 2015 começou a juntar informação para escrever o artigo, Marques da Silva deslocou-se a outras cidades portuguesas para perceber se existiam exemplares fora da capital. “Viajei por Coimbra, Porto, Braga e Guimarães a observar painéis de azulejos. Encontrei muitos, mas nenhum idêntico aos de rudistas encontrados nas fachadas lisboetas.” Explica que é comum encontrar



Como painéis de fachada de edifícios, só se encontram em Lisboa. Tanto quanto sei, são únicos no mundo

Carlos Marques Silva
Paleontólogo



representações destes fósseis em outros painéis de azulejos oitocentistas, como no Mosteiro de Tibães em Braga. Mas, "como painéis de fachada de edifícios, só se encontram em Lisboa", conclui.

"Curioso que também observei colunas em granito pintadas como se fosse lioz." Para o professor, isto demonstra a nobreza que esta rocha usada nos edifícios reais transmitia a outros pontos de Portugal, levando a cobrir rochas vistas como menos "nobres" com este padrão de rudistas. Perante todas estas informações, a especificidade destes azulejos em Lisboa torna-os especiais. Conta que também procurou em literatura estrangeira referências sobre estes azulejos únicos. "Não encontrei nenhuma referência. Tanto quanto sei, estes azulejos são únicos no mundo", conclui.

Feitos em meados de 1830, vários destes azulejos centenários já desapareceram de alguns edifícios em Lisboa. "As pessoas não se apercebem da importância do padrão representado porque não conhecem", diz o professor. Sendo um padrão natural e indistinto, dificilmente é reconhecido pelo olho inexperiente e estes são substituídos por novos azulejos. Para Marques da Silva, é necessária a consciencialização do público para a preservação destes azulejos como património cultural.

"Já fui convidado a dar algumas palestras sobre este tema, e é curioso, ao expor esta informação, algu-

mas pessoas apercebem-se de que conhecem mais exemplos", explica. Foi graças a estes depoimentos que começou a fazer uma listagem dos painéis que conhece presentes na cidade. "A partir do momento em que são reconhecidos, estes azulejos passam a ter outra importância no património da cidade. Efectivamente, alguns proprietários restauram-nos."

Quando questionado sobre o papel por parte das entidades e especialistas de tentar proteger este património, Marques da Silva responde que chamou a atenção da existência dos azulejos e que estes são reconhecidos por estas entidades. Já enviou o seu artigo para a câmara, para o Museu da Cidade, e para colegas que estudam azulejos a alertar para a importância deles. No entanto, explica que, "para a conservação destes painéis em específico, não vi nenhuma *démarche*".

"É preciso fazer o levantamento de todos estes azulejos, do seu estado de conservação, e interencionar os painéis que precisam de restauro e conservação", urge o professor nas suas palavras. Reconhece que são trabalhos e recursos dispendiosos, mas na sua opinião, atendendo ao património típico e específico de Lisboa que estes azulejos representam, seria importante conservar este elemento distintivo da cidade. "Temo no futuro que mais destes azulejos ímpares desapareçam."

Texto editado por Ana Fernandes